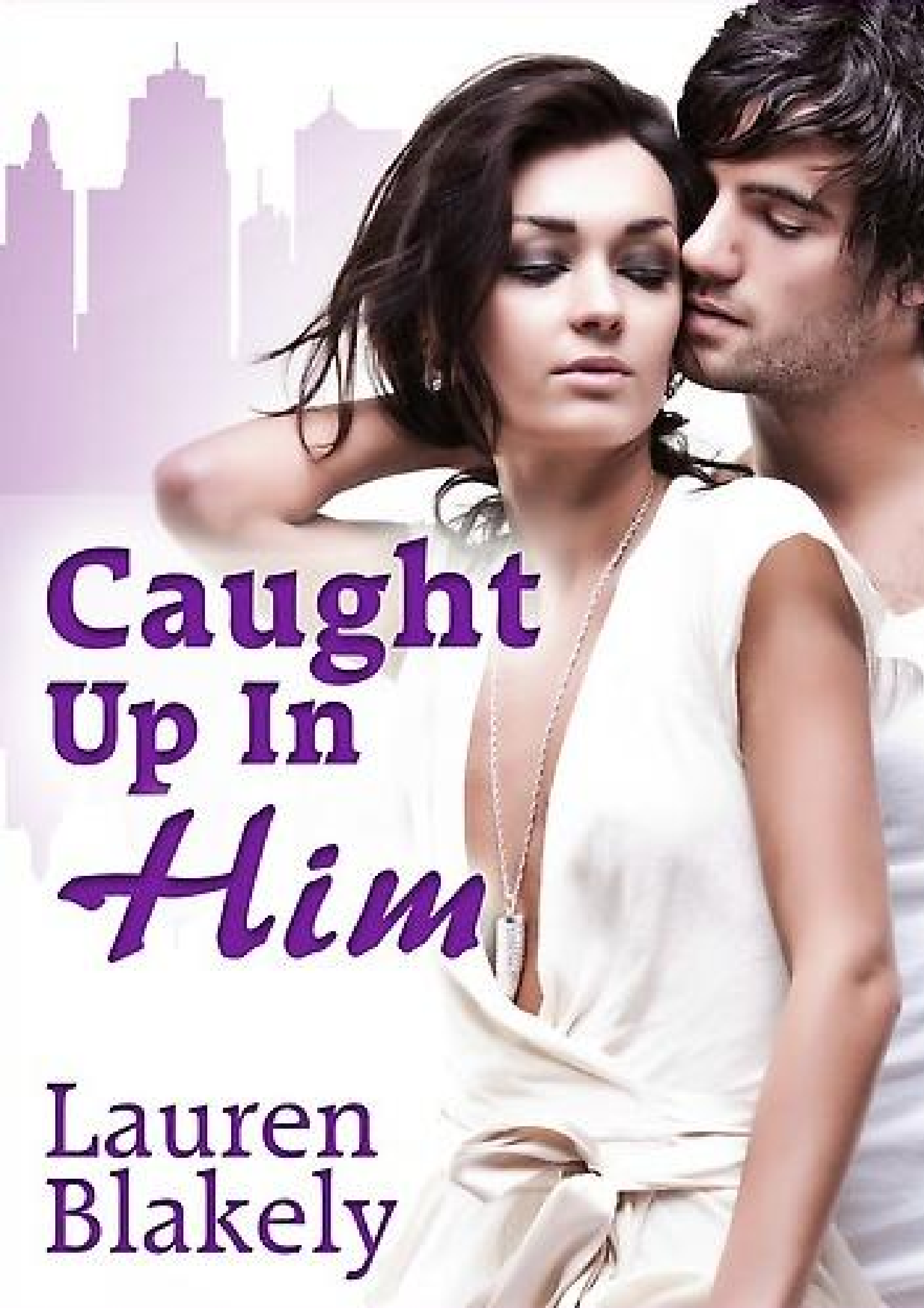

Caught
Up In
Him
Lauren
Blakely

Caught Up In Him

Caught Up In Us Series #0.5

Lauren Blakely

Sinopse:

Aos dezessete anos de idade, Kat Harper sempre sonhou com beijos a luz do luar, o tipo de amor que você vê nos filmes. Isso é exatamente o que ela recebe no verão antes da faculdade, quando conhece o melhor amigo de seu irmão, Bryan.

Ele é cinco anos mais velho, mas isso não os impede de cair em um romance de verão tão perfeito que poderia ter sido escrito por Hollywood.

Eles se beijam na fileira de trás da sala do cinema, na praia à noite, mesmo nas ruas tranquilas de sua cidade natal, quando ninguém está olhando.

Certamente, ele está ficando tão apaixonado por ela como ela é por ele, certo?

Mas então Bryan quebra seu coração e foge sem ao menos uma explicação, fazendo Kat sofrer com a perda de seu primeiro amor... Até cinco anos mais tarde, quando ele volta a sua vida. Agora ela tem que enfrentar a verdade: ela nunca se esqueceu dele.

É possível que ele não tenha parado de pensar nela também?

cel

I ♥ Books

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo CEL de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo CEL tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo CEL de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Julho/2013

cel

I ♥ Books

Capítulo Um

Cinco anos atrás...

Era exatamente como nos filmes. Quando você menos espera ele entra em cena e deixa seu mundo de cabeça para baixo.

Conheci Bryan na minha garagem em um dia de verão, quando tinha 17 anos. Eu já tinha ouvido falar dele. Meu irmão mais velho, Nate, teve aulas com ele durante a maior parte da faculdade de administração. Mas nunca me encontrei pessoalmente com Bryan. Ele cresceu perto de Buffalo e foi para casa para as férias escolares. Então, no verão depois de eu ter completado o ensino médio, Bryan ficou conosco por algumas semanas para ajudar a tocar a *Mistic Landing*, a loja de presentes que meus pais tinham no centro da cidade.

Meus pais raramente passavam férias e quase nunca tinham uma folga. Minha mãe passou a maior parte dos meus anos de colégio se recuperando de um acidente de carro devastador que havia exigido dela várias cirurgias e inúmeras sessões de fisioterapia. Ela estava finalmente voltando a ser ela mesma. Para comemorar, a irmã da minha mãe tinha convencido meus pais a passarem algumas semanas em sua casa em um lago no *Maine*. Nate e eu iríamos tocar a loja enquanto eles relaxavam em frias águas azuis e sob um céu de cristal.

Eles fizeram as malas, entraram no carro e dirigiram para o norte e horas mais tarde eu conheci o homem que se tornaria meu primeiro amor. A partir do momento que ele chegou, já era um assunto encerrado. Abriu a porta da frente, corri para o carro e dei um grande abraço em Nate. Então, Bryan saiu do lado do passageiro, usando uma camiseta branca e jeans desgastados que era algo perto de ser a coisa mais sexy que um homem poderia usar. Quando jogou a mochila no ombro, sua camisa se levantou, revelando um pedaço de sua firme e lisa barriga. Tentei olhar para outro lugar porque senão eu só pensaria no jeito que seu jeans azul pendia em seus quadris, e onde as linhas de corte de seu abdômen conduziriam.

Então, chequei seus braços em vez disso. Sempre achei que uma das razões pelas quais alguns homens trabalhavam tão duro em seus braços é por causa do que as mulheres pensam quando se deparam com uns tão bonitos e bem esculpidos. Você

imagina o homem acima de você. Você se imagina correndo suas mãos para cima e para baixo naqueles braços enquanto ele se move para você.

Mas ele não era apenas um corpo bonito. Ele era o pacote completo. Ele tinha um traço de barba em seu rosto de menino e o cabelo castanho escuro mais macio e de boa aparência que já vi. Seus olhos me atraíram, aqueles olhos verdes cor de floresta com manchas de ouro. Olhos que você poderia olhar profundamente, olhos que convidavam a longos olhares fervilhantes enquanto viam dentro de você.

Nate nos apresentou, Bryan colocou sua bolsa no chão e me deu um abraço forte, em vez de um aperto de mão. Eu estava usando um dos colares que desenhei, uma corrente de prata amarrada com um solitário pingente de coração em azul meia-noite. Seu peito pressionado no pingente e eu poderia facilmente ter deixado meus pensamentos fugirem dali.

Então ele falou para mim. — Sinto como se eu já te conhecesse. Nate diz que você é uma grande fã de cinema, que quando você não está fazendo colares, está no cinema local. Sempre disse que não há nada melhor do que matar aula para uma matinê. — Então veio o sorriso, o sorriso torto pelo qual eu cairia.

— Matinê e pipoca. Não há nada melhor do que isso — eu disse e tinha certeza de que as palavras saíram irregulares e desajeitadas, fora de sincronia com o que eu estava dizendo silenciosamente. Como é que o meu irmão tem um melhor amigo tão ridiculamente bonito?

Nós três saímos naquela noite, pedimos pizza e descansamos em velhas cadeiras de plástico na varanda, sob as estrelas. Escutei enquanto conversavam sobre a escola e o que estava à frente deles em relação a trabalho. Nate planejava procurar emprego na indústria de tecnologia no final do verão e Bryan tinha marcado uma apresentação em Manhattan que começaria em um mês. Eles não eram mais meninos da faculdade, uma vez que ambos tinham MBAs, mas ainda não eram homens trabalhadores ainda. Eles estavam meio que num tipo de entretempo.

Eu estava num entretempo também. Só que era cinco anos mais nova, então percebi que deveria cair fora da conversa dos caras.

— É melhor eu ir dormir já que pego o turno da manhã na *Mistic Landing*. — eu disse e depois fui para meu quarto, coloquei um short solto e uma blusa cinza com um *Hello Kitty* em rosa no peito. Escovei os dentes, lavei o rosto e caminhei pelo corredor para meu quarto, quando esbarrei em Bryan.

— Desculpe — disse ele, então olhou para minha blusa e permaneceu com os olhos um pouco mais do que deveria. Eu não me importava, mas quando ele percebeu o que estava fazendo, olhou para cima. — Você gosta de *Hello Kitty*?

— Uh, sim. — eu disse, jogado fora por seu comentário.

— Isso é muito fofo. — Seus lábios se curvaram.

— Sério? — Não poderia dizer se ele estava me zoando.

Ele acenou com a cabeça. — É. Definitivamente. *Hello Kitty* é totalmente adorável.

— Uau. Nate nunca me disse que seu melhor amigo era um grande fã de gatos de desenhos animados.

— Eu pessoalmente sou um grande fã de *Bucky* da revista em quadrinhos *Get Fuzzy*.

— Eu amo aquele siamês maluco.

— Eu desafio qualquer pessoa que não acha gatos engraçados a ler aquele gibi.

— Esse é um desafio incrível. Vamos fazer cartazes e iniciar uma campanha.

— Estou dentro!

— Eu vou até sair com minha camiseta do *Get Fuzzy* quando começarmos a planejar uma marcha para a capital.

— De modo geral, estou bem com todos os gatos de desenhos animados, especialmente quando as meninas bonitas estão a usá-los.

Então ele saiu. Isso foi tudo o que disse e fui deixada sozinha no corredor, minha mente agitada, minha pele formigando. Eu não adormeci imediatamente. Repassei nossa conversa. Nós nos demos bem, certo? Eu não estava imaginando. Havia alguma coisa nesse tipo de réplica instantânea, não havia? Especialmente quando pensei nisso no último momento... garotas bonitas, garotas bonitas, garotas bonitas.

Capítulo Dois

Na manhã seguinte, provavelmente passei mais tempo na frente do espelho ajeitando meu cabelo e retocando meu gloss do que eu costumava. Então, fui até a cidade e parei na minha cafeteria local para obter o meu habitual.

Depois que saí, fiquei surpresa ao encontrar Bryan esperando fora da *Mistic Landing*. Ele tinha uma xícara de café na mão e as pontas de seu cabelo escuro ainda estavam molhadas. Eu estava perto o suficiente para sentir seu aroma limpo, fresco e de banho recém-tomado. — Sou uma pessoa da manhã também. Espero que não se importe se eu compartilhar o turno da manhã com você. Nate vai dormir até o meio-dia de qualquer maneira.

— Não. — Eu disse enquanto procurava as chaves na minha bolsa.

Ele inclinou a testa em direção a minha bebida. — Devo ter acabado de perder você na cafeteria. Café, também?

Balancei a cabeça. — *Macchiato* de caramelo. Somente bebidas frou-frou para esta garota. — Então, inclinei-me mais perto dele e deixei minha voz cair para um falso sussurro. — Eu ainda tenho uma dose extra de caramelo.

Ele fingiu como se eu apenas tivesse a coisa mais escandalosa do mundo.

— Tão decadente.

— E você? — Perguntei porque eu tinha uma teoria de que é possível dizer muito sobre um cara através de seu café. Qualquer cara que pedisse soja, chai ou mais espuma seria de manutenção cara. Se um cara pedisse para que a água estivesse extremamente quente, estaria destinado a ser frio e sem emoção, pois a água em qualquer loja de café já está escaldante, se você precisasse mais quente, você não tinha sentimentos. Se os meninos quisessem chá de ervas, eu correria para o outro lado, porque isso significaria que estariam muito interessados em ioga, new-age, cristais e *feng-shuizar* a minha vida.

Então, havia o homem que pedia apenas café. Simples, direto, sabe o que quer.

Bryan bateu na tampa de plástico sobre o copo. — Café. Apenas café, nada mais. Gosto do meu café do jeito...

Levantei a mão. — Não quero ouvir uma daquelas piadas habituais dos caras: gosto do meu café do jeito que gosto de minhas mulheres, quente, forte, com creme.

Ele estreitou os olhos para mim. — Não ia dizer isso.

— Ah. Desculpe. Como você gosta de seu café então? — Virei-me e deslizei a chave na fechadura.

Ele baixou a voz e falou em uma espécie de sussurro escuro e esfumaçado. — Da maneira como eles bebem em Paris. Preto.

Foi uma coisa boa eu estar de costas para ele, porque algo sobre a maneira como ele disse Paris causou arrepios na minha espinha. Era como se sua voz estivesse acariciando minhas costas. — Você já foi? — Perguntei porque era meu sonho ir a Paris. Vaguear pelas boutiques e lojas e ver todos os colares, pulseiras e joias. Para ser inspirada pelo design.

Para me apaixonar, à beira do rio, sob a luz da lamparina.

— Só uma vez. Mas a empresa para a qual estou começando a trabalhar tem escritórios lá, por isso estou esperando voltar — disse ele. Quando abri a porta, pensei: me leve com você, me leve com você, me leve com você.

Trabalhamos juntos no turno da manhã naquele primeiro dia e tivemos sorte com os clientes. Ele conversou com duas irmãs em férias sobre um livro de mesa de imagens, em seguida passou pra mim e então eu fiz o mesmo com um casal que estava considerando um prato de servir. Tivemos uma espécie de ritmo instantâneo e senso de como fazer uma loja como esta funcionar.

— Somos como uma equipe — ele disse depois que eu fechei outra venda. Eu sorri em concordância.

Nate chegou no início da tarde para assumir. Quando peguei minha bolsa atrás do balcão, Bryan colocou a mão no meu braço.

— Matinê e pipoca?

Meu estômago virou. Balancei a cabeça em concordância, resmunguei um adeus para meu irmão e sai da loja com seu melhor amigo. Andamos as poucas quadras até o cinema, escolhemos uma comédia de Will Ferrell e optamos por compartilhar uma pipoca média. No dia seguinte, fomos ver um filme de suspense, então no próximo para de sci-fi e depois vimos um filme bobo com animais falantes no qual rimos o tempo todo. Quando o filme terminou, disse a ele que esse filme me fez lembrar de um que eu tinha visto alguns anos atrás com a minha mãe, então comecei a recitar como ele se comparava a todo filme de animal falante, como se eu fosse uma séria crítica de filme

opinando desnecessariamente. — Mas o porco no filme *Babe* definiu o padrão para animais falantes na tela.

— Você realmente vê todos os filmes, não é? — perguntou.

— Eu não diria que todos os filmes.

— Mas a maioria?

Dei de ombros. — Eu vejo um monte de filmes.

— Por quê? Quer dizer, além do óbvio de que os filmes são divertidos.

— Isso não é uma razão boa o suficiente? Apenas para entretenimento?

— Totalmente. Então essa é a razão?

— Claro — eu disse, mas eu estava sorrindo o tipo de sorriso que dizia que havia mais do que isso.

— Tudo bem, Kat Harper. Qual é a história? — Ele fez um sinal com a mão para eu soltar a história. — Diga-me de onde vem seu amor por filmes

— Acho que é devido ao que os filmes sempre significaram para minha família. Todos esses grandes eventos em minha vida foram marcados por filmes. Quando Nate estava na oitava série e ganhou a eleição para presidente da classe, todos fomos ver o relançamento de Os Caçadores da Arca Perdida. Era uma aventura com ação e eu agarrei o descanso de braço quando Harrison Ford correu daquela pedra redonda. Quando fui escolhida para desenhar a capa do anuário do ginásio, fomos ver Onze Homens. É assim que comemoramos as coisas. Lembro-me ainda quando minha avó morreu. Fomos para o serviço memorial. Eu tinha doze anos e li um poema ao serviço, então decidimos que deveríamos assistir Elf Um Duende em Nova York. O que, provavelmente, soa como uma coisa estranha a fazer depois de um funeral.

Bryan ouviu atentamente. — Não, não soa. Nem um pouco.

— Foi realmente o filme perfeito para ver, porque acho que todos nós precisávamos não estar tristes a cada segundo, você sabe?

— Na verdade, faz todo o sentido — disse ele. Eu olhei para ele e vi honestidade em seu rosto e seus olhos. Ele entendeu, compreendeu. Ele me compreendeu e eu continuei.

— Mas acho que tudo começou com a minha mãe. Ela é uma enorme fã de comédias românticas, então começou a me mostrar todas as grandes comédias. Sintonia de Amor. Simplesmente Amor. Notting Hill. Mensagem para Você.

— E você ainda ama comédias românticas?

— Faço joias. Bebo *machiattos* de caramelo. Eu uso *Hello Kitty* para dormir. É claro que eu adoro comédias românticas. — disse com um sorriso enquanto nos aproximávamos da minha casa. Mas eu não apenas amava os filmes. Queria viver dentro deles. Queria um amor como nos filmes.

Bryan limpou a garganta. — Acho que há tem comédia romântica que não vimos no cinema. Você quer ir de novo amanhã?

— Sim — eu disse e tenho certeza que saiu soando ofegante.

Vimos o filme no dia seguinte e foi do tipo que você espera por muito tempo para que o herói e a heroína se beijem e quando o fazem, perto do final, você sente aquele formigamento no corpo e quer ser beijada também. Eu roubei um olhar para Bryan apenas para descobrir que ele estava roubando um olhar para mim também.

— Oi — ele sussurrou com aquela voz que usou quando falou sobre Paris.

— Oi.

Ele estendeu a mão para mim, lentamente, com os olhos em mim o tempo todo como se estivesse perguntando se estava tudo bem. Balancei a cabeça em um sim. Ele correu os dedos pelo meu cabelo castanho escuro, então sua boca encontrou a minha e nos beijamos até que os créditos rolaram, beijos lentos e doces. Seus lábios eram os mais suaves que eu já senti e seus beijos eram do tipo épico, do tipo que fazia você acreditar que beijos de cinema não eram apenas para atores ou para estórias, que poderiam ser para você também, e eles podiam ir mais e mais, como uma lenta e sexy canção de amor que derretia você de dentro para fora.

Quando ele se afastou, encostou a testa na minha. — Kat, eu queria fazer isso desde que eu te conheci na calçada no outro dia.

— Você queria?

— Sim. Você estava tão bonita e então você era tudo mais.

Meu coração pulou 10.000 batidas. Ele era um beijo de cinema, ele era o nome acima do título. Ele era aquele que você queria que ficasse com a heroína tanto que seu coração doía por ela quando eles não ficavam juntos, então disparava quando eles finalmente ficavam.

— Acho que você é muito legal também. — eu disse.

— Mas provavelmente não devíamos dizer a Nate. Você sabe, já que eu sou seu amigo e você é sua irmã mais nova. Sem mencionar a coisa da idade.

— Sim, você está certo.

Então isso era nosso segredo de verão.

Capítulo Três

Qualquer garota que diz que não mantém uma lista dos melhores beijos de todos os tempos está mentindo. Ela pode não ter uma lista de caneta e papel, mas ela sabe em sua cabeça quem abalou seu mundo e fez ficar com os joelhos fracos.

Bryan era minhas borboletas no estômago, meu beijo suave, faminto e interminável. Ele era todos os beijos que eu sempre quis. Porque ele foi gentil e espirituoso, ele sempre quis saber mais sobre mim e talvez seja por isso que ele beijava como um sonho. Ele era o cara dos meus sonhos.

Numa noite de verão, Bryan e eu fomos à praia e estendemos um cobertor, enquanto as ondas rolavam. Quando corri minhas mãos sobre seu peito e estômago, ele fez aquele barulho, como um rosnado baixo e um suspiro ao mesmo tempo, e eu queria puxar seu corpo perfeito para o meu e mover-me contra ele.

— Nós não podemos fazer mais do que beijar — disse ele quando meus dedos exploravam a parte inferior de sua camiseta, enquanto as ondas rolavam ao longo da praia e em seguida de volta ao oceano à meia-noite.

— Por que?

— Porque não. Porque sou amigo do seu irmão. Porque sou mais velho que você.

— Você é apenas cinco anos mais velho. — eu apontei.

— Eu sei. Mas você tem 17.

— E daí? Tenho idade suficiente para saber o que quero.

— Eu sei e eu também quero. Mas é errado.

— Seria errado se eu tivesse 18?

Enrolei minhas mãos em torno de suas costas e contorci meus quadris mais perto. Pela sensação do corpo dele contra mim, duvidava que fosse errado. Eu tinha certeza de que seria apenas certo.

— Kat.

— Seria errado se eu tivesse 18? — Repeti, trazendo meus lábios aos dele e passando os dedos nas suas costas lisas e fortes. Ele estremeceu sob meu toque e senti-me poderosa. Senti-me querida, como a garota que estava se tornando irresistível para o garoto.

— Não.

— Então... — Deixei minha voz se desvanecer. Em uma semana ele iria para Nova York para começar a trabalhar. Eu terminaria a escola um mês depois. Esperança nervosa soou dentro de mim. — Estarei em Nova York em breve também. Vou para a NYU.

— Eu sei e você vai adorar. Mas meu trabalho vai me levar para fora da cidade muitas vezes. — disse ele, e meu coração se afundou. Eu queria ser mais do que seu amor de verão. Romances de verão por definição são agridoces.

Eles têm uma data de validade. — Não fique triste, Kat. Estou totalmente apaixonado por você e não quero tirar vantagem. Gosto de você tanto assim.

Isso me fez sorrir e me sentir melhor sobre nossas possibilidades, mesmo que isso parecesse como tentar se agarrar na borda de uma nuvem.

***

Poucos dias depois, estávamos no cinema de novo e fiquei pensando sobre o que ele disse em relação a estar apaixonado por mim. Eu estava caída por ele também, e mais um pouco. Com diferença de idade ou não, sendo o melhor amigo do meu irmão ou não, eu queria que ele soubesse. Eu queria colocar pra fora, os obstáculos que se danassem. Os créditos rolaram, as luzes se acenderam e nós éramos os únicos que ainda estavam no cinema, exceto por um zelador que estava nas fileiras da frente. Olhei em seus olhos verdes, respirei fundo e disse: — Estou apaixonada por você também.

Ele sorriu, um tipo de felicidade encantada, e pressionou sua testa na minha. — Kat, você irá me visitar em Nova York no próximo mês?

Eu era um cata-vento de cores. Eu era a vencedora do festival. O garoto que eu queria me queria. — Claro.

E assim fizemos planos. Eu pegaria o trem nos finais de semana para visitá-lo e nós faríamos todas essas coisas que casais jovens fazem em Nova York. Caminhe pelo *Village* de mãos dadas, beijar na fonte do *Lincoln Center*, fazer piquenique no *Central Park* e encontrar o local mais isolado.

Então, quando eu fizesse 18 anos no final do verão, nós faríamos mais. Faríamos tudo. Ele seria o meu primeiro e não havia nenhuma dúvida que eu esperaria o cara certo.

***

Fomos a um restaurante em *Little Italy* no primeiro fim de semana e ele tocou minhas pernas o tempo todo sob a toalha xadrez vermelha, deixando-me num quente. Quando saímos, puxei-o contra mim e demos uns amassos em frente de uma loja de ferragens fechada, ao lado do restaurante, não nos importando com quem estivesse passando por nós.

Em outra ocasião, passamos a tarde nas galerias impressionistas *do Metropolitan Museum*, onde mostrei-lhe meu *Monet* favorito, o do monte de feno na neve. Ele disse que gostou da forma como o artista trabalhou com as sombras ao sol. Então, Bryan apontou para as dobras de um vestido em um *Renoir* e ponderou que pareciam diamantes. Olhei para ele, para a forma como seus olhos verdes estudavam a pintura, e tudo parecia bom demais para ser verdade, aqui eu estava com alguém que era lindo, engraçado e que realmente gostava de olhar para a arte, mas ainda assim, era verdade.

No próximo fim de semana, ele disse que havia encontrado a loja perfeita para mim. Ele me levou a um quarteirão de paralelepípedos no *Village* e manteve a porta aberta para uma minúscula loja japonesa de *mangá* pequeno japonês. Dei a ele um olhar interrogativo.

— Basta entrar. Você vai ver.

Depois que passei pelas prateleiras de gibis, vi a tela mais fantástica. Uma parede cheia de bijuterias *Hello Kitty*, pulseiras, anéis, grampos de cabelo, colares, chaveiros e todo adorno imaginável com a gata.

Bryan estava sorrindo como se ele tivesse me levado a um tesouro enterrado. — Achei que você apreciaria isso. — Um sorriso nervoso veio em seguida. — Mas então você faz coisas tão incríveis que tudo isso pode parecer bobagem para você.

Eu coloquei minha mão em seu braço. — Eu amo isso. Não importa o que eu faça, eu sempre vou amar *Hello Kitty*. É um tipo de coisa que levamos para sempre.

— Ótimo. Escolha o que quiser.

Estudei os displays, verifiquei um colar de *strass*, um pingente branco e rosa, uma corrente prata e preto. Então anéis de todas as formas e tamanhos. Mostrei a ele uma gracinha de anel de brilhante. — Eu amo este anel.

Fui até os colares. Bryan se aproximou e colocou a mão nas minhas costas, tocando-me debaixo da minha camiseta. Fechei meus olhos porque me senti tão bem que queria ronronar. O menor toque vindo dele era inebriante.

— Só mais uma semana até que seu aniversário. — ele sussurrou.

Inclinei-me para ele, saboreando da sensação de seu corpo contra mim. Que estávamos em um lugar público mal passou pela minha cabeça. Tudo o que eu conseguia pensar era nele. A garota atrás do balcão limpou a garganta. Abri os olhos e consegui escolher um número brilhante, com pedras cor de rosa para as orelhas do gato. Era cafona e foi isso que tornou tão adorável.

— Espere por mim lá fora. — disse Bryan.

Fui para fora e um minuto depois ele saiu da loja, deixou cair um pequeno saco branco em sua carteira e então colocou a corrente em volta do meu pescoço. — É apenas um pequeno colar, mas eu queria que você tivesse algo meu. Algo que você gostasse. — , disse ele, soando tão doce mas também nervoso.

— Eu amo isso, Bryan. Eu absolutamente amo isso.

— Você gostou?

— Sim.

Então, suas mãos estavam em meu cabelo e ele beijou meu pescoço, minha orelha, minhas pálpebras. Suspirei e balancei para mais perto. Eu estava flutuando, voando, eu estava em Manhattan com o homem pelo qual eu estava loucamente apaixonada.

— Por que apenas não estamos em seu apartamento agora? — Eu sussurrei.

— Porque se estivéssemos, eu não seria capaz de resistir a você.

— Você não está fazendo um bom trabalho resistindo a mim agora.

— Eu sei. Você pode imaginar o que seria se estivéssemos somente você e eu?

— Sim. — disse suavemente. — Posso imaginar. Penso sobre isso o tempo todo. Estou tão louca por você. Quero estar com você em todos os sentidos.

— Eu também. Vamos passear pela NYU. Você vai estar lá em apenas algumas semanas. — Ele segurou minha mão e apertou meus dedos quando disse isso, seu toque um lembrete visceral de que então estaríamos juntos. Nós vagamos ao redor do campus pela próxima hora e com cada edifício, dormitório e sala de aula que conseguimos encontrar aberto em agosto, eu fiquei mais animada com a faculdade.

— Não posso acreditar que estarei aqui em breve. Vai ser incrível.

Caminhamos ao longo de um dos dormitórios. — Você amou isso aqui?

— Sim. Eu adorei. A faculdade é tudo o que dizem que é.

— O que você quer dizer?

— Esse é o momento em que você se encontra. Quando você descobre o que quer. E quando você tem uma tonelada de diversão. Mal posso esperar para começar. Sei que eu vou amar.

— Você vai. — disse Bryan, mas havia algo triste em seu tom.

Eu olhei para ele. — Ei, você está bem?

— Totalmente.

— Porque você parecia...

— Estou bem.

Mas ele ficou mais tranquilo quando verificamos a livraria do campus, um café, onde eu disse que provavelmente faria todos os meus deveres, e a biblioteca, que estava salpicada de alunos para a sessão de verão.

A mente dele estava em outro lugar e ele não me disse onde tinha ido.

Na estação, no domingo à noite, agradeci novamente pelo colar.

— Você deve usá-lo sempre. — disse ele antes que eu pegasse o último trem para *Mystic*. Sua voz soava saudosa e quando ele me deu beijo de despedida, o momento tornou-se melancólico. Não me senti como uma garota que estaria retornando em uma semana para seu aniversário de dezoito anos. Eu me senti como uma garota sendo mandada embora apenas com um colar de *Hello Kitty* para lembrar dele.

***

Quando liguei alguns dias depois para confirmar nossos planos para o fim de semana, sua voz estava diferente. Tensa e distante.

— Eu não acho que você deveria vir. — disse ele.

Algo não baia. Estávamos planejando este fim de semana há mais de um mês. — Por quê? Apareceu alguma coisa no trabalho? — Meus ombros começaram a apertar em preocupação.

— Não. É só que... Não acho que deveríamos.

— Deveríamos o que?

Havia muitas maneiras de responder à pergunta, mas a mais assustadora foi a que ele disse em seguida.

— Não acho que deveríamos ficar juntos.

Olhei para o meu telefone brevemente como se fosse um rádio erroneamente sintonizado em um canal que eu não podia mais entender. Levei o telefone para o ouvido novamente e disse a única coisa na qual eu poderia pensar, a coisa à qual eu estava agarrada. — Mas estou completamente apaixonada por você, Bryan. Cem por cento e mais até. E quero estar com você.

Então eu esperei e esperei e esperei.

As palavras não vieram.

O silêncio me estrangulou. Era como se mãos estivessem no meu pescoço, apertando-me.

Como eu poderia tê-lo interpretado tão mal? Ele disse que estava caído por mim. De que forma mais alguém poderia cai por outra pessoa, senão por amor?

Então ele falou e suas palavras eram como vidro afiado. — Tenho que ir.

Quebrando o fecho em um simples e feroz puxão, arranquei o colar e joguei-o no lixo, colocando-o no fundo da lata.

Essa foi a última vez que falei com ele.

Mesmo agora, cinco anos depois, aquelas palavras soaram através de mim. Eu podia ouvi-las, a pausa antes de falar, a forma de cada e toda sílaba: Tenho que ir.

Foi exatamente o que ele fez. Ele foi embora.

Fim

Bônus:

Prévia do primeiro capítulo de Caught up in us.

Ele foi meu primeiro erro favorito.

Eu não o tinha visto em cinco anos e agora ele caminhava até a frente da pequena sala de aula, cada músculo do meu corpo ficou tenso e meu cérebro entrou em hiperativação quando disse a mim mesma para não pensar em luzes se apagando em salas de cinema ou em noites quentes de verão a milhas daqui emaranhada nele.

Seja forte. Seja legal. Seja agressiva.

Corri meu dedo indicador por todo o berloque[1] de prata que fiz quando fui para a faculdade, como se a miniatura de câmera de filmar pudesse canalizar a vontade de ferro dentro de mim, como tinha feito nos últimos anos. Mesmo que eu absolutamente tivesse seguindo em frente. Foi por isso que não tinha sequer me ocorrido que ele poderia estar aqui hoje, embora, tecnicamente, acho que eu deveria saber que era uma possibilidade já que se formou aqui também.

Nós até mesmo andamos juntos ao redor do campus na última vez em que o vi, quando fizemos planos um com o outro, quando fizemos promessas um ao outro.

Até que ele quebrou meu coração e tornou-se um berloque no meu colar - o primeiro e a inspiração para minhas joias - um lembrete de metal frio de que os erros podem nos fazer melhor.

Mas eu estava a salvo do outro lado agora. Eu estava acima de Bryan, acima da raiva, acima da coisa toda. Eu estava totalmente bem, muito obrigada.

Exceto, quando ele se aproximou do quadro com o nome da aula, Aprendizagem Experiencial, rabiscado com marcador azul, eu estava sendo educado em uma nova definição da palavra injusta. Porque eu queria muito ser a garota que nem sequer percebia que ele estava aqui, mas em vez disso, cataloguei cada detalhe, desde o menor

---

[1] Pingente, pequeno enfeite usado em pulseiras ou correntes.

vestígio de barba em seu queixo, a maneira como seu cabelo castanho ainda convidava os dedos para passarem entre ele, a forma como a camisa xadrez azul marinho que ele usava provavelmente nunca pareceu tão boa como quando abraçou os braços dele e esticava em seu peito.

Bryan congelou quando me viu. Seus olhos verdes presos nos meus pelo mais breve dos momentos e, talvez de verdade ou talvez apenas na minha imaginação, eu vi um pingo de remorso neles. Mas então ele se recuperou um segundo mais tarde e deu um rápido sorriso de boca fechada para a classe. É claro que não iria incomodá-lo me ver aqui. Ele não se importava comigo naquela época. Ele não se importaria comigo agora.

Mas eu poderia ser indiferente também, então desviei o olhar primeiro. Dois poderiam jogar este jogo.

Bryan ficou ao lado do professor na frente da sala de aula, junto com os outros graduados que fariam par com meus colegas de aula neste programa de orientação. No seu terno de três peças de marca, óculos e um lenço de seda, o professor Oliver estava no seu habitual jeito energético quando introduziu os mentores. Uma das garotas gerenciava um fundo de investimento que começou para si mesma, outra era uma superastro do skate que lançou uma linha de roupas que agora era muito popular entre os adolescentes, um dos caras supervisionava uma empresa que tinha desenvolvido alguns dos mais bem-sucedidos aplicativos para iPhone e outro fundou um serviço de vídeo de saúde.

Em seguida, havia Bryan Leighton, cinco anos mais velho que eu, e eu já sabia o que ele fazia para viver. Eu sabia outras coisas sobre ele também. Eu sabia que gosto seus lábios tinham. Como sentia seus braços debaixo das minhas mãos. Como seus beijos continuavam e continuavam e eu nunca queria que acabassem. E com um estalar de dedos, eu estava de volta no tempo, não mais uma estudante de pós-graduação, não mais na primeira fila da sala de aula. Eu era apenas uma menina recém-saída da formatura do ensino médio, envolvida em torno do melhor amigo de seu irmão. Bryan estava passando as mãos por meu cabelo e beijando meu pescoço e eu estremeci. Todos os outros, todo o resto desapareceu. Ele era o único ali.

Eu poderia ter ficado presa assim, dividida entre a memória de como eu o sentia, as coisas que dissemos. As palavras que somente eu disse.

Segurei o berloque para romper com o passado. Deixei um minúsculo cerne de raiva latente em mim começar a sair do esconderijo. Eu precisava daquela raiva porque precisava focar no presente e não havia lugar para Bryan ou para esse tipo de memórias nele. Eu era uma pessoa diferente agora. Eu era um experiente de 23 anos. Já consegui meu bacharelado na NYU e agora estava terminando o mestrado na mesma escola e

estava iniciando minha empresa, ao mesmo tempo em que pagava o aluguel de um apartamento em Chelsea. Eu não mais a adolescente apaixonada. Além disso, havia apenas uma chance entre cinco de que eu estaria emparelhada com ele. Não faria mais sentido meu professor me colocar com a skatista das roupas já que estávamos ambas no negócio da moda? Eu era uma designer de joias afinal, com uma linha de colares já vendendo bem *online* e em várias lojas da cidade.

O Professor Oliver balançou para trás e para frente em seus sapatos, cheio de energia, enquanto recitava os nomes dos meus colegas de classe e em seguida o mentor com quem trabalhariam. O primeiro aluno foi emparelhado com o cara do iPhone. Ok, agora havia uma chance em quatro. Cruzei meus dedos. A garota do fundo de investimento foi colocada em parceria com um estudante diferente. Uma chance em três. Fiz um desejo rápido para uma estrela invisível. O Professor Oliver leu o nome de outro estudante e do cara do vídeo de serviço de saúde. Tomei uma profunda respiração calmante. Claramente o professor estava a guardar-me para a garota do skate. Ela parecia tão legal, tão mais legal que legal com listras cor de rosa em seu cabelo preto e óculos de olho de gato. Sim, ela seria uma mentora perfeita e eu aprenderia muito sobre um negócio que não era muito diferente do meu.

Prendi a respiração e esperei. Mas o Professor Oliver chamou o nome de outra pessoa para a garota do skate. Meu coração caiu e senti minhas entranhas apertarem.

— E isso significa, Srta. Harper, que seu mentor de negócio para este semestre será Bryan Leighton. Permita-me apresentar oficialmente vocês dois.

Bryan estendeu a mão como se fosse a primeira vez que estava me tocando.

— É um prazer.

— Todo meu. — eu disse, desejando que não houvesse verdade em minhas palavras.

***

Uma das razões para eu querer ter aulas na Escola de Administração *Stern* da *New York University* foi para ter esta matéria. Hoje seria nosso único dia na sala de aula. O resto do semestre gastaríamos em empresas reais, abordando problemas reais e obtendo uma visão sobre como tornar nossos empreendimentos nascentes melhores. Desde que uma proprietária de boutique em minha cidade natal tinha me parado, quando eu tinha 19 anos, e perguntado onde eu havia conseguido o incomum e atraente berloque do meu colar - que eu mesma fiz, eu orgulhosamente disse a ela - eu quis aprender os altos e baixos de construir um negócio maior. Nunca contei a ela a gênese da minha linha de joias. Nunca revelei a ninguém, além da minha melhor amiga Jill, que comecei isso a

partir da rejeição. Que foi alimentado pelo mal. Os berloques eram a minha maneira de retomar algo, retomar após a insensível dispensa de Bryan.

Se eu fosse uma estrela de rock, eu teria dado uma de Taylor Swift pra cima dele e escrito uma daquelas músicas 'eu não te amo mais'. Em vez disso, fiz a única coisa que podia fazer. Voltei-me para meu talento e uma soltei um 'dane-se, Bryan Leighton' com as minhas joias.

A proprietária da boutique começou levando meus colares e o estilo *My Favorite Mistake* tornou-se o favorito em sua loja, em breve na loja dos meus pais também e depois em outras lojas em Manhattan. O problema era que meus berloques eram todos feitos à mão. Por mim. E a natureza popular estava ficando um pouco desafiadora. Eu precisava de habilidades práticas e conhecimentos para crescer e eu estava mais do que pronta para obter isso através desta orientação.

Mas essa não foi a única razão pela qual eu precisava dessa matéria. Meus pais passaram por tempos difíceis quando a má economia atingiu a cidade turística de Mystic em Connecticut, onde eles tinham uma pequena loja de presentes por anos.

Eles tomaram um empréstimo para manter o estoque abastecido e eu não queria vê-los lutando, especialmente porque a loja era seu ninho de ovos, seu terceiro filho, sua chave para uma eventual aposentadoria. Eles trabalharam tão duro toda a minha vida, colocando meu irmão e a mim na faculdade, passaram por muitas tempestades financeiras e de saúde durante anos. Agora eles estavam a uma curta distância da aposentadoria e eu queria fazer tudo o que podia para garantir que poderiam desfrutar de algum tempo merecido. Eu tinha tomado empréstimos para pagar faculdade, mas não teria que pagá-los por vários anos, por isso meu plano era fazer crescer meu próprio negócio rapidamente para ajudá-los a pagar o deles.

Então, realmente, era muito para mim querer aprender livre de distrações? Trabalhar ao lado do homem que havia quebrado meu coração numa noite de verão há cinco anos não era propício para focar. Especialmente quando ele parecia ainda melhor do que era antes. Ele tinha um rosto doce de menino, quando ele estava em seus vinte e poucos anos. Agora, ele tinha 28 e enquanto o charme de menino ainda estava presente em, havia também uma sofisticação em suas feições, em seu estilo, sua roupa. Cinco anos gerenciando uma corporação faria isso com você. Quando me sentei ao lado de Bryan, fiz o meu melhor para colocar meu colete à prova de balas mesmo que eu pudesse dizer que seus braços estavam ainda mais fortes e tonificados e que seus olhos de floresta ainda poderiam me enrolar com um olhar.

Cerrei os dentes. Isso não iria funcionar. Claramente, eu precisaria de um novo mentor. Eu tinha que me formar e tinha que ter sucesso nesta matéria. Tentei imaginar minha mãe forte e resistente, o jeito que ela tinha conseguido recuperar-se de um

acidente de carro anos atrás, com um tipo resistente de otimismo, em como ela podia olhar para uma cobrança vencida e bater uma mão contra a outra e dizendo: — Vamos começar a trabalhar.

Trabalhar. Sim, trabalho. Eu estava focada no trabalho.

— Esta era minha aula favorita quando estudei aqui. — Bryan disse, quebrando o silêncio.

— Ah, era?

— Bem, acho que não é uma aula, certo? — Acrescentou, corrigindo-se, então riu sem jeito. Ele deve ter ficado nervoso. Isso me fez sentir minimamente vingada. — Como chamamos isso? De oficina? — Balancei a cabeça. — Não um estágio — continuou ele e eu balancei novamente a cabeça.

— Prática?

Eu queria rir pela palavra, mas não lhe daria a satisfação. Em vez disso, balancei a cabeça mais uma vez.

Mas ele foi ágil em interpretar ambas as partes e pegou o bastão da conversa ele mesmo. — Essa é uma palavra horrível, não é?

— É terrível.

— Péssimo.

— Miserável.

E, como se o tempo não tivesse passado, estávamos de volta às brincadeiras, uma das coisas que sempre tínhamos feito bem, brincar com as palavras.

— Do que quer que você chame isso, a aula era minha favorita. Quando você não conseguia me tirar para longe da estatística e dos livros de economia, isso podia. — Ele mostrou seu sorriso torto que exibia seus retos dentes brancos.

Ele estava tentando suavizar o passado, mas eu não ia deixar isso.

Eu não ia me deixar ir mais longe na tagarelice, nas conversas, no vai-e-vem que havia nos abastecido naquele verão. Então, eu não respondi, dando um breve aceno de cabeça ao invés disso.

Os outros alunos conversaram com seus mentores e o zumbido enchia a pequena sala de aula. Olhei para o Professor Oliver que parecia como se estivesse prestes a assobiar uma melodia feliz quando viu o quão bem a sessão inicial “conhecê-lo” estava se saindo. Mas não importa se todo mundo estava se dando bem com seus mentores.

Meu sucesso ou fracasso seria baseado no que eu realizaria fora dos limites da sala de aula quanto trabalhasse pelos próximos trimestres com o meu mentor.

Eu tinha que ser recombinada com outra pessoa.

Bryan e eu não dissemos nada por um tempo. Ele fechou os olhos em mim, então baixou a voz. — Olha, Kat, eu não tinha ideia.

— Ideia do que?

— Que você estaria nesta aula.

Isso era para me fazer sentir melhor, mas não conseguiu. Isso me fez sentir pior. Ele provavelmente queria sair deste negócio tanto quanto eu. Mas eu não podia deixar transparecer que ele me perturbava novamente. — Não é nada. Vou pedir para ser transferida. — , disse eu friamente, orando para que o Professor Oliver concordasse. Ele tinha horário em seu escritório amanhã de manhã. Eu estaria do lado de fora de sua porta pronta para fazer meu pedido.

Bryan balançou a cabeça e levantou a mão para mim como se estivesse prestes a descansá-la na minha perna ou no meu braço. Eu me afastei. Quase imperceptível, mas o suficiente para ele perceber. Ele apertou os dedos ao invés de me tocar. Ele abriu os lábios. Fez uma pausa. Então, em voz baixa que soava rouca naquele volume, ele disse: — Mas eu estou feliz que você esteja na aula. Fico feliz que aconteceu desta forma.

Passei os últimos cinco anos fazendo malabarismos entre as aulas e fazendo joias, construindo meu negócio e deixando para trás meu primeiro amor grande. A última coisa que eu precisava era ser empurrada de volta para o fogo. Eu só iria me queimar novamente.

***

Fui a primeira a sair da sala de aula. Fiz o caminho mais curto para o banheiro feminino, onde me ocupei em reaplicar meu brilho labial e tentando ajeitar meu cabelo castanho escuro para passar o tempo. Peguei uma presilha sempre à mão e torci meu cabelo comprido em um rápido coque. Coloquei alguns fios soltos atrás das orelhas.

Olhei para o relógio. Apenas alguns minutos se passaram. Esfreguei um pedaço de algodão nas curtas botas de camurça que eu tinha conseguido a preço de banana numa loja *vintage* no *Village*, então, reajustei o decote do meu top cor de chocolate que eu que destacava o marrom nos meus olhos.

Outro minuto se passou.

Procurei na minha bolsa pelo meu rímel, retoquei meus cílios, em seguida verifiquei o horário mais uma vez. Ciente de que Bryan provavelmente havia deixado o prédio, aventurei-me para fora. Disquei o número da loja dos meus pais enquanto os saltos das minhas botas ecoavam pelo corredor. Eu queria falar com minha mãe, mas também precisava me direcionar para a realidade da minha vida. Meus pais, meus planos para eles, meus objetivos para o negócio. A voz da minha mãe sozinha tinha o poder de me colocar com os pés no chão e manter-me firme.

— *Mistic Landing*. Como posso ajudá-lo?

— Ei, mamãe.

— Ei, querida. — ela disse e mergulhou em costumeiro milhão de perguntas.

— Como você está? Como está a escola? Como está Jill? Como está *My Favorite Mistake*?

— Eu estou bem. A escola está bem. Nunca tive uma melhor companheira de quarto. E estou trabalhando duro no negócio. Mas como você está? O que está acontecendo com você e papai e a loja?

Eu podia imaginá-la acenando com a mão no ar para fazer parecer que minha pergunta não era grande coisa. Então daria um sorriso quando um cliente entrasse na loja. Bom, talvez não tivessem muitos clientes.

— Tudo está bem. Uma jovem ainda chegou esta manhã e experimentou um de seus colares.

— Impressionante. Ela comprou?

— Não, mas disse que voltaria amanhã.

— E então, você ainda está recebendo muitos turistas no final do verão?

— Ah, claro. Claro. — disse ela rapidamente, mas eu me perguntei se estava apenas tentando soar forte para mim.

— O que você anda fazendo hoje?

— Reorganizei algumas das vitrines.

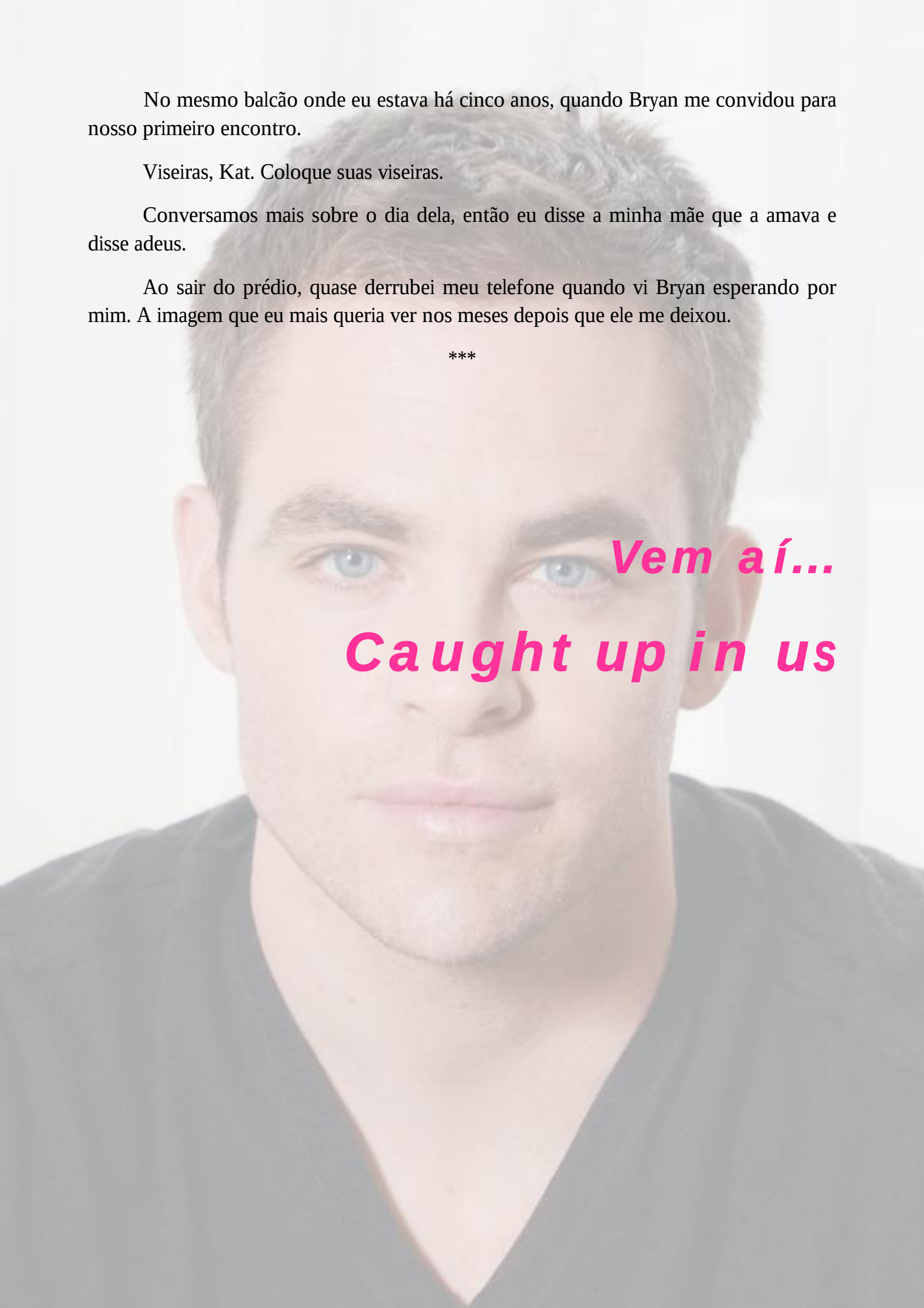
Meu coração se afundou. Isso só poderia significar que os negócios ainda estavam devagar. Se houvesse clientes, ela não estaria gastando seu tempo ajeitando as vitrines. Ela estaria no caixa, trabalhando no balcão, mostrando artigos diversos e presentes aos turistas que entrassem.

CU05CUIMLB002

No mesmo balcão onde eu estava há cinco anos, quando Bryan me convidou para nosso primeiro encontro.

Viseiras, Kat. Coloque suas viseiras.

Conversamos mais sobre o dia dela, então eu disse a minha mãe que a amava e disse adeus.

Ao sair do prédio, quase derrubei meu telefone quando vi Bryan esperando por mim. A imagem que eu mais queria ver nos meses depois que ele me deixou.

***